

## A valorização do grafite como documento de arquivo: uma abordagem interdisciplinar entre a competência em informação e a teoria da complexidade

**Beatriz Rosa Pinheiro dos Santos**

Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências, Programa de Pós-Graduação em  
Ciência da Informação, Marília, SP, Brasil  
[beatrizp.gestaoemp@gmail.com](mailto:beatrizp.gestaoemp@gmail.com)

**Myrella Vaenia da Luz Fernandes**

Universidade Estadual de Londrina, Londrina, PR, Brasil  
[myrellafernades@gmail.com](mailto:myrellafernades@gmail.com)

**Ieda Pelógia Martins Damian**

Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Curso de  
Biblioteconomia, Ribeirão Preto, SP, Brasil  
[ieda.martins@bol.com.br](mailto:ieda.martins@bol.com.br)

**Ana Cristina de Albuquerque**

Universidade Estadual de Londrina, Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Londrina,  
PR, Brasil  
[albulanati@yahoo.com.br](mailto:albulanati@yahoo.com.br)

### ARTIGOS

DOI: <https://doi.org/10.26512/rici.v11.n2.2018.8339>

Recebido/Recibido/Received: 2017-10-13

Aceitado/Aceptado/Accepted: 2017-12-20

**Resumo:** Objetivou-se analisar se a competência em informação e a teoria da complexidade podem contribuir para a valorização e institucionalização do grafite como documento passível de tratamento em arquivos públicos. Realizou-se uma pesquisa bibliográfica, de natureza qualitativa. Os resultados demonstraram que o padrão de competência em informação, que corresponde à necessidade de fontes confiáveis para acesso efetivo da informação, justifica e auxilia a ideia de institucionalização do grafite como documento de arquivo, visto que fornecerá um acesso padrão, libertador e duradouro à sociedade que decidir utilizar e acessar o grafite documentado (quando esse já se encontrar na condição de documento) em arquivos públicos. Ademais, concluiu-se que um dos princípios do pensamento complexo refletiu para o fato de que não há como escapar desse processo de institucionalização do grafite, porque esse é um desenho da sociedade, é efeito de alguma causa e configura momentos da história do país e do povo.

**Palavras-chave:** Arquivos Públicos; Competência em Informação Grafite; Teoria da Complexidade.

**The valorization of graphite as a file document: an interdisciplinary approach between information literacy and complexity theory**

**Abstract:** The objective was to analyze whether information literacy and complexity theory can contribute to the valorization and institutionalization of graphite as a document that can be processed in public archives. A qualitative bibliographical research was carried out. The results demonstrated that the standard of information literacy, which corresponds to the need for reliable sources for effective access to information, justifies and supports the idea of graphitization as an archive document, since it will provide standard, liberating and lasting access to society who decide to use and access graphite

documented in public archives. In addition, it is concluded that one of the principles of complex thinking reflected the fact that there is no escaping this process of institutionalization of graphite, because this is a design of society, is an effect of some cause and configures moments of the history of the country and of the people.

**Keywords:** Graphite; Information literacy; Public Archives; Theory of Complexity.

**La valorización del grafito como documento de archivo: un enfoque interdisciplinar entre la competencia em información y la teoría de la complejidad**

Resumen: Se objetivó analizar si la competencia en información y la teoría de la complejidad pueden contribuir a la valorización e institucionalización del grafito como documento susceptible de tratamiento en archivos públicos. Se realizó una investigación bibliográfica, de naturaleza cualitativa. Los resultados demostraron que el estándar de competencia en información, que corresponde a la necesidad de fuentes confiables para acceso efectivo de la información, justifica y auxilia la idea de institucionalización del grafito como documento de archivo, ya que proporcionará un acceso estándar, liberador y duradero a la sociedad que decide utilizar y acceder al grafito documentado en archivos públicos. Además, se concluyó que uno de los principios del pensamiento complejo reflejó para el hecho de que no hay como escapar de ese proceso de institucionalización del grafito, porque ese es un diseño de la sociedad, es efecto de alguna causa y configura momentos de la historia del país y del pueblo.

**Palabras clave:** Archivos Públicos; Competência em Informação; Grafito; Teoria de la Complejidad.

## **1 Introdução**

A sociedade atual segue pautada e imersa em ambientes que produzem informação, conhecimento, sentimento e expressão em grandes quantidades. Isso porque transformações ocorrem diariamente, como, por exemplo, o advento prático e generalizado das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) e o aumento de interações entre pessoas e organizações.

Entretanto, mesmo com o aumento das interações entre pessoas e organizações, estimuladas pelo uso das TIC, a sociedade ainda possui como personalidade e característica comportamentos cartesianos e positivistas, que separam as áreas do conhecimento, que acreditam na lógica absoluta, na separabilidade e na prática superespecializada das pessoas que se inserem em ambientes organizacionais.

As instituições de ensino e educação, que possuem como objetivo formar cidadãos e profissionais necessitam, nesse contexto, se tornar conscientes acerca da relevância de trabalhar com os alunos, justamente, a quebra desse paradigma cartesiano, e com isso, acreditar e utilizar abordagens e processos que possam contribuir para a construção e o desenvolvimento de uma nova sociedade integrativa, interdisciplinar, competente em informação e humana.

Neste trabalho, a valorização do grafito como documento de arquivo será pauta e ideia prática no desenvolvimento da quebra do paradigma descrito anteriormente.

O grafito, como prática da arte urbana, costuma despertar um turbilhão de emoções, experiências e desejos no agente praticante, como também desperta esses sentimentos no agente contemplador (GRUNOW, 2013).

Assim, dentro da importância dessa expressão cultural e informacional, tem-se a “[...] consciência de que é preciso conservar tais registros, tendo em vista uma futura utilização”. (SILVA *et al.*, 1999, p. 46)

Como foco da pesquisa, desfruta-se da reflexão de como a competência em informação e a teoria da complexidade podem contribuir para a relevância da institucionalização do grafite como documento passível de tratamento em arquivos públicos.

A competência em informação é considerada um processo contínuo de competências e habilidades voltadas à compreensão e interação efetivas com o universo informacional (DUDZIAK, 2003).

A teoria da complexidade possui inúmeros tratamentos e um contexto amplo para ser entendido. No entanto, pode ser brevemente aqui percorrida por meio do conceito do pensamento complexo, descrito por Morin (2007) como a compreensão da contradição e do imprevisível, da pluralidade e da unidade, da ordem e da desordem, a partir da convivência com eles, uma vez que o fundamento do pensamento complexo é distinguir, mas não separar.

Com base nestas contextualizações e reflexões, a presente pesquisa possui como problemas: a institucionalização do grafite pode ser considerada uma prática para quebra do paradigma cartesiano? A competência em informação e a teoria da complexidade podem contribuir para essa prática?

O objetivo é analisar se a competência em informação e a teoria da complexidade podem contribuir para a valorização do grafite como documento de arquivo.

Justifica-se por ser um trabalho de cunho interdisciplinar, que relaciona temas do campo da Ciência da Informação e da Arquivologia, e que pretende, por meio deste estudo, enriquecer o arcabouço teórico de tais campos do conhecimento. Para tanto, foi realizada uma pesquisa bibliográfica, de natureza qualitativa.

## **2 Teoria da Complexidade: propulsora de mudanças**

A teoria da complexidade parte, primeiramente, de uma tomada de consciência necessária para o seu entendimento, e, principalmente, para sua existência na prática.

Essa tomada de consciência acontece pelo princípio do saber de que a sociedade está adepta a adquirir novos conhecimentos, a todo tempo, sobre o mundo físico, biológico, psicológico, sociológico, entre outros (MORIN, 2007).

Nesse caminho, da mesma maneira que a informação se doa incessantemente aos indivíduos, o erro, a cegueira e a ignorância se desenvolvem na mesma proporção.

Nessa conjuntura, como continuidade e prática do desfazer do erro, da cegueira e da ignorância, surge o pensamento complexo como solução ou caminho para essa solução.

Entende-se complexidade como um “[...] tecido de acontecimentos, ações, interações, retroações, determinações, acasos, que constituem nosso mundo fenomênico” (MORIN, 2007 p. 13). Ou seja, a complexidade está diretamente voltada à interação, novas descobertas do saber e do fazer ciência, novas formas de agir, de adquirir conhecimento, de olhar a informação, novas formas de encarar a sociedade e seus fenômenos e, por fim, um novo modo de olhar o mundo e de vivê-lo.

Para Morin (2007), a complexidade surge da necessidade de estancar o determinismo absoluto do mundo, e para provocar inquietude, ordem e desordem nos acontecimentos.

Assim, entende-se que o pensamento complexo lida com a incerteza, porém encontra-se preparado para reunir, contextualizar, globalizar e integralizar, bem como, concomitantemente apto em reconhecer o singular, o individual e o concreto (MORIN, 2000). Para o autor, o princípio da teoria da complexidade serve como instrumento que revela a defasagem conceitual da prática educacional da sociedade moderna, e como ferramenta e instrumento pós-modernos, aponta medidas de superação do modo de pensar cartesiano, que se pauta pela separabilidade.

Neste trabalho, a intenção foi seguir a teoria da complexidade e a competência em informação como processos que podem auxiliar a expressão informacional da arte do grafite ser captada em um documento passível de tratamento. Para tanto, a competência em informação, como processo aliado da Ciência da Informação e formação pós-moderna, encontra-se contextualizada no próximo capítulo.

### **3 Competência em Informação**

Atualmente, grandes quantidades de informação e conhecimento são expressas diariamente nos diferentes contextos da sociedade. Essas expressões produzem impactos no modo de viver de cada indivíduo, com relação à maneira com que cada um lida com a informação e a utiliza.

Muitas dúvidas passam a surgir, como, por exemplo, como produzir, organizar, compartilhar, acessar e utilizar a informação de maneira correta. Usualmente, a informação e o conhecimento são requeridos para tomada de decisão, seja em âmbito profissional ou pessoal. Dessa maneira, surge, então, a competência em informação como processo e filosofia da informação e do conhecimento que abarca e busca solucionar todas essas dúvidas.

De acordo com Belluzzo, Kobayashi e Feres (2004), a competência em informação pode ser considerada um conjunto de comportamentos, competências, habilidades e ações que promovem o acesso e o uso da informação de maneira eficiente e eficaz, visando à construção do conhecimento e a intervenção na realidade social.

A autora Dudziak (2003) afirma que, na década de 1970, o conceito de competência em informação estava relacionado às habilidades e conhecimentos voltados ao uso da informação para resolução de problemas e tomada de decisões.

Em 1980, o modo como a informação era tratada, organizada, gerida e acessada se modificou, devido ao forte crescimento e desenvolvimento das novas tecnologias da informação; logo, os estudos sobre competência em informação foram direcionados ao uso das tecnologias, especificamente, aos sistemas de informação (DUDZIAK, 2003). Na esfera social, Doyle (1994) afirma que pessoas competentes em informação se tornam capazes de reconhecer que a informação precisa e detalhada é crucial para tomada de decisões inteligentes. Também desenvolvem aptidões relativas ao reconhecimento das suas necessidades informacionais, identificação de fontes efetivas de informação, criação de estratégias de busca da informação e integração da informação coletada à prática e ao processo de construção do conhecimento.

Belluzzo (2007) visualiza que as pessoas competentes em informação se tornam potenciais em levar uma vida produtiva e saudável, tendo como característica a aceitação das mudanças e transformações sociais e a consciência de que a informação apropriada e internalizada auxilia na resolução dos problemas, tanto pessoais como profissionais.

A competência em informação é desse modo, uma prática de libertação, de leitura de sentimentos e de expressão, que ao mesmo tempo se traduz em informação e conhecimento. Assim, pode-se dizer que a competência em informação pode auxiliar os profissionais da informação no processo de institucionalização do grafite, como também o produtor dessa arte e o contemplador (sociedade).

#### **4 A Caracterização do Arquivo, e do documento de Arquivo**

Muito se fala sobre a história, muito se entende sobre ela, e da mesma forma muito se vive, e isso se dá, pois é por intermédio dela que entendemos o mundo e os processos sociais que levaram e/ou trouxeram os seres humanos até os tempos atuais.

E para que fosse possível atravessar gerações e acontecimentos sem perder a narrativa da história, com a invenção da escrita, tais episódios que ditam um passado foram transcritos por nossos antepassados.

A escrita surgiu precisamente pela necessidade de o homem registrar e comunicar os seus atos, conhecimentos ou sentimentos. [...] A importância da escrita para a atividade humana levou, automaticamente, à consciência de que era preciso conservar tais registros, tendo em vista uma posterior utilização. (MALHEIRO *et. al.*, 2009, p. 46)

A partir do momento em que atividades sociais são relatadas através da escrita vê-se a necessidade de instituir um espaço para que tais documentos fossem armazenados. “É ao aparecimento da escrita que remonta o nascimento dos arquivos e da arquivística, bem como as novas ocupações, entre as quais a de arquivistas. A escrita permitiu produzir obras literárias, mas também serviu a administração.” (ROUSSEAU; COUTURE, 1998, p. 29).

Têm-se aqui então os primórdios do que aqui nomeamos arquivo.

Os arquivos como instituição, provavelmente, tiveram origem na antiga civilização grega. Nos séculos V e IV a.C. os atenienses guardavam seus documentos de valor no templo da mãe dos deuses, isto é, no Metroon, junto à corte de justiça na praça pública em Atenas. No templo conservavam-se os tratados, leis, minutas da assembleia popular e demais documentos oficiais. (SCHELLENBERG, 2004, p. 25)

Silva *et. al.* remonta ainda o nascimento do arquivo a aparição da escrita dizendo que:

A origem dos arquivos dá-se, pois, naturalmente, desde que a escrita começou a estar ao serviço da sociedade humana. Poder-se-á definir como um fenômeno espontâneo. E não é por acaso que o nosso conhecimento sobre a existência de arquivos remonta, precisamente, às antigas civilizações do Médio Oriente, em locais referenciados como berço da escrita. Ao contrário do que terá acontecido com o sistema alfabético, a escrita – nos estágios pictográfico e ideográfico – foi inventada por diversos povos. Daí que seja difícil apontar um foco único para nascimento da ideia de reunir e organizar os suportes escritos, com objetivo de natureza prática. Podemos avançar, quando muito, que os arquivos no estágio embrionário deverão ter surgido há cerca de uns seis milénios, na vasta do chamado <<crecente fértil>> e Médio Oriente. (SILVA *et. al.*, 2009, p. 46)

É importante saber que essa prática da criação de arquivos nas antigas civilizações dá-se de forma e por motivos diferentes em cada uma delas, por agentes relacionados à evolução e organização geográfica e social de cada sociedade antiga.

Ernst Posner (2013, p. 274), argumenta que ao final da Idade Média vários fatores contribuíram para o crescente e rápida solidificação e diferenciação dos arquivos oficiais, segundo o autor, fatores como residência dos monarcas tornar-se fixa, a finalidade de suas administrações expandirem-se, as comunidades, especialmente na Itália, começarem a estabelecer uma espécie primitiva de depósito arquivístico, e a partir daí tornou-se usual o acúmulo de massas documentais necessitando cuidado e preservação.

Aqui vale destacar que o termo arquivo, em sua nomenclatura atual pode-se referir tanto ao espaço físico quando ao documento. Ana Márcia Lutterbach Rodrigues (2006, p. 104) destaca que:

ao longo da história, a conceituação de arquivo mudou em conformidade com as mudanças políticas e culturais que as sociedades ocidentais viveram; os arquivos são um reflexo da sociedade que produz e o modo de interpreta-lo também acompanha as mudanças que ocorrem. (RODRIGUES, 2006, p. 104)

O termo arquivo pode ser utilizado para indicar – conjunto de documentos; móvel para guarda de documentos; local onde o acervo documental deverá ser conservado; órgão governamental ou instituição cuja finalidade é a guarda e a conservação de documentos; títulos de periódicos.

Assim, não há uma conceituação de arquivo que seja definitiva, Schellenberg (2004, p. 35) em sua obra “Arquivos modernos” destaca que “a arquivística, ainda que relativamente nova, não carece de uma substância científica ou erudição e, fugindo à regra, tentou evitar uma terminologia especializada”.

Rousseau e Couture (1998, p. 284), definem o arquivo como:

“[...] conjunto das informações, qualquer que seja a sua data, natureza, ou suporte, organicamente [e automaticamente] reunidas por uma pessoa física ou oral, pública ou privada, para as próprias necessidades da sua existência e o exercício das suas funções, conservadas inicialmente pelo valor primário, ou seja, administrativo, legal, financeiro ou probatório, conservadas depois pelo valor secundário, isto é, de testemunho ou, mais simplesmente, de informação geral”.

A palavra *archives*, de origem grega, é definida pelo *Oxford English Dictionary* como:

- a) “lugar onde são guardados os documentos públicos e outros documentos de importância”; e
- b) “registro histórico ou documento assim preservado”. Percebe e destaca-se aqui então que é necessária atenção por se tratar de uma definição possuidora de duplo sentido.

Para Ramiz Galvão, procede do latim *archivum* que no sentido antigo indicava o espaço de armazenagem de documentos e outros títulos.

Segundo Schellenberg (2004, p. 35) “Na linguagem corrente, e principalmente na literatura técnica, deve-se distinguir entre a instituição e os materiais de que se ocupa.” Portanto assim como o autor faremos a seguinte distinção, “arquivo” será empregado aqui para designar a instituição, enquanto que documento de arquivo será usado para indicar o material que é objeto da instituição.

Mas até então os chamados arquivos eram instituições teoricamente privadas, ou apenas lugares aos quais os documentos de arquivos eram destinados, o arquivo como estabelecimento público e nacional remonta à Paris anterior a 1800.

Em meio a Revolução Francesa, em 1789, a chamada Assembleia Nacional instituiu um arquivo destinado a exibir e guardar seus atos. Pelo Decreto de 12 de novembro de 1890, esse arquivo tornou-se os Archives Nationales de Paris. Esse foi o primeiro arquivo nacional criado no mundo, proposta a guardar os documentos da Nova França.

Um decreto de 25 de junho de 1794 estabeleceu, em todo território nacional, uma administração dos arquivos públicos. Por esse decreto os Archives Nationales passaram a ter jurisdição sobre os documentos dos vários órgãos do governo central, em Paris, os quais mantinham, até então,

seus próprios depósitos de arquivos sobre documentos das províncias, comunas, igrejas, hospitais, universidades e famílias nobres e sobre os arquivos distritais nos quais foram colocados, durante a Revolução, os documentos dos órgãos municipais extintos. (SCHELLENBERG, 2004, p. 27).

Diferente da Idade Média que atribuía à igreja o domínio sobre as documentações, na chamada Idade Moderna surgem movimentos artísticos e políticos promovidos com o intuito de cessar com a posse da igreja, fator contribuinte ao avanço da arquivística, são esses movimentos: Renascentismo, Reforma Protestante, Expansão Marítima europeia e o Iluminismo. Por conseguinte, entra-se na Idade Contemporânea, período em que se alastra até os dias atuais e que ocorre uma grande explosão documental e informacional com o advento das novas tecnologias (HORA; SATURNINO; SANTOS, 2016, p. 5, 7).

Retomando ao conceito e as finalidades dos arquivos, Marilena Paes (2002, p. 19), explica que as definições antigas ressaltavam o aspecto legal dos arquivos, sendo eles depósitos de documentos e papéis de qualquer espécie, estando diretamente relacionado com os direitos das instituições e indivíduos.

Os documentos tinham como única finalidade estabelecer e reivindicar direitos, quando não eram mais instrumentos que atendiam a função indicada, eram enviados a museus e bibliotecas. Surgiu então a ideia de divisão e categorização de arquivos, que passaram a existir como arquivos administrativos e arquivos históricos.

Existem ainda teorias como as de Lévi-Strauss, que estuda e mede a vinculação entre documentos e amuletos que conservariam uma <sup>1</sup>diacronia, uma memória em si, corroborando um caráter sagrado, o que existia de específico nos arquivos nos arremates da memória e da história. “um documento não se torna sagrado pelo simples fato de trazer um selo de prestígio, por exemplo, o dos arquivos nacionais; ele traz o selo porque primeiro foi considerado sagrado e, sem ele, continuaria a sê-lo” (LÉVI-STRAUSS, 1997, p. 265).

O autor questiona a importância que nós, como seres pensantes e determinantes no processo de desenvolvimento social, atribuímos aos arquivos.

mas porque valorizamos tanto nossos arquivos? Os fatos a que eles se referem são independentemente comprovados e de mil formas: vivem em nosso presente e em nossos livros; por si mesmos são desprovidos de um sentido que se origina inteiramente de suas repercussões históricas e dos comentários que os explicam, ligando-os a outros fatos. (LÉVI-STRAUSS, 1997, p. 268)

Nesse momento é que se entende ao que ele se referia utilizando o termo diacronia, ou a conservação da diacronia, explicando que o arquivo é puro e inteiramente o que nós

---

<sup>1</sup>a. descrição de uma língua ou de uma parte dela ao longo de sua história, com as mudanças que sofreu; gramática histórica; linguística diacrônica. b. o conjunto dos fenômenos sociais, culturais, etc., que ocorrem e se desenvolvem através do tempo.



como seres humanos vivemos e entendemos, o cotidiano valorizado e guardado para as gerações futuras, um entendimento da vinculação atribuída por ele da memória e da história vividos durante os séculos e séculos da biografia humana. Os arquivos por um lado, constituem o fato em sua contingência radical (visto que apenas a interpretação, que não faz parte dele, pode baseá-lo numa razão); por outro lado eles dão uma existência física à história, pois apenas neles é ultrapassada a contradição de um passado terminado e de um presente onde ele sobrevive. (LÉVI-STRAUSS, 1997, p. 269).

Os arquivos constituem então desde sempre a memória das instituições, das pessoas, dos povos e das nações. São carregados de significado e simbologias que explicam o cotidiano, seja ele social ou profissional. É importante ressaltar, no entanto que

É importante lembrar que arquivo não é apenas um papel com informações escritas, mas tudo que representa a história de um povo, ou de um acontecimento. Portanto, gravuras, desenhos, pinturas encontradas em cavernas, vestígios que foram deixados por nossos antepassados também podem ser consideradas instituições arquivísticas, ou seja, defendemos a teoria em que os arquivos se iniciaram na pré-história (HORA; SATURNINO; SANTOS, 2016, p. 3).

Ao longo dos tempos, os documentos de arquivos se encontraram nos mais diferentes suportes, desde as paredes das cavernas, as tábuas de argila, do papiro, do papel, dentre outros. Hoje a variedade dos suportes é enorme, e por sua vez os conteúdos inseridos nestes também se tornaram bastante variados.

Por fim, pode-se extrair das informações registradas até aqui que o lugar de arquivo é destinado a guarda do documento de arquivo, e que esse sítio e o objeto que os formam são quase que totalmente irrelevantes quando os dois se caracterizam como tal.

Dado isto, em nossa pesquisa lidamos com um tipo de arquivo específico, por isso precisamos entender como ele se caracteriza e quais os materiais de arquivo que nele estão incluídos.

## **5 O Grafite como documento**

Para introduzir o grafite a uma conexão que abarque competência em informação e teoria da complexidade é necessário entender do que se trata esse elemento.

Silva-e-Silva (2011, p. 22) caracteriza como o estopim do grafite o evento ocorrido na França em 1968. Nesse período, o país vivenciava o chamado “Movimento de maio de 68”, uma grande onda de protestos que teve início com manifestações estudantis para reivindicar reformas educacionais.

Os graffiti serviam para registrar na cidade descontentamentos e protestos, foi uma possibilidade que as pessoas encontraram para demarcar, extravasar e difundir as recusas e expectativas transcendentais naquele

momento (SILVA-E-SILVA, 2011, p. 22).

Posteriormente, paredes e vagões de trens dos metrô da cidade de Nova Iorque passaram a suscitar o interesse dos escritores urbanos, que começam a utilizar esse espaço como suporte do grafite (SILVA-E-SILVA, 2011).

O grafite, segundo o autor, é independente de ação e sujeito, e cada grafite é determinado significativamente em si próprio sem que para isso exista uma definição padrão para o mesmo, além, exclusivamente da sua caracterização como expressão imagética.

Uma coisa é o agente, outra é a intervenção. Todo grafite, [...], é independente das circunstâncias do momento da criação. Portanto, será o estudo do documento pictórico e não do sujeito que determinará o tipo de graffiti [...] (SILVA-E-SILVA, 2011, p. 47).

Existem ainda outros autores que trabalham a distinção entre grafite e pichação (representação escrita da arte que muitas vezes usam de um tipo próprio de alfabeto). Para Silva-e-Silva (2011, p.13), “Graffiti diferem de pichação. Esta última não pertence ao campo das artes, sendo desprovida de estética. Não tem sentido linguístico. É transgressora. Meros rabiscos”.

Já Caló (2005, p. 249) afirma existir uma equivalência entre ambas as intervenções sendo elas complementares e não díspares. Para a autora, o termo pichação está sendo substituído por grafite escrito (quando o grafiteiro somente escreve, e dentro de padrões da arte caligráfica) e grafite pictórico (nos casos de trabalho com uma carga de elaboração maior e uma ‘estética’ melhorada).

Para essa pesquisa será adotado o grafite como inscrições identificadas por meio de desenho. Considera-se que as pichações ou grafite escrito necessitam de uma carga de aprofundamento maior que se buscará abordar em outra pesquisa. Isso porque quando debate essa necessidade de se capturar o grafite em documento arquivístico, torna-se necessário que esse contenha uma história suscetível de descrição, para que dessa forma possua elementos que justifiquem sua salvaguarda como documento.

Assim, arrisca-se dizer que, em termos comuns, o grafite possa ser traduzido como uma inscrição caligrafada ou desenho pintado ou gravado sobre um suporte que não é normalmente previsto para essa finalidade. Albuquerque (2004, p. 10) diz que “a gama de informações visuais que são passadas a todo o momento é imensa, e o grafite é uma produção visual que comunica, informa, diverte e que tem a cidade como seu suporte”.

Assume-se, então, que o grafite traduz uma necessidade de expressão da sociedade, de mostrar satisfação ou insatisfação com relação ao que se vivencia, de deixar claro que existem necessidades coletivas que precisam ser supridas e ganhar voz na rua.

Do ponto de vista da representação, da imagem, da comunicação, da

linguagem e da arte, os significados e suas múltiplas leituras são um universo instigante. De um lado, há o que o grafiteiro quer manifestar, o que precisa dizer, os conteúdos que pretende comunicar nas entrelinhas e entre traços e os espaços escritos ou pintados. Do outro, é interessante observar o transeunte e a leitura que faz dessa manifestação (PROSSER, 2010, p. 29).

Dessa maneira, pode-se dizer que o grafite é informação e conhecimento tácito externalizado, que ganha voz nas ruas, e que possui a rua como suporte. Entretanto, essa informação e esse conhecimento são efêmeros, uma arte dinâmica que muda ou desaparece em um período temporal que pode ser curto ou longo, não há como determinar quando alguém vai modificá-lo, apagá-lo, ou até mesmo quando acontecimentos naturais (ex. sol e chuva) vão cooperar para que ele desapareça.

Justifica-se, portanto, a conversão do suporte original do grafite para o documento fotográfico, por se tratar de uma representação que conta uma história social, e por possuir característica dinâmica que pode se perder.

Para Duranti (1996, p. 26), o conceito de documento é amplo, abrangendo uma gama de fontes de evidência: [...] A Diplomática<sup>2</sup> estuda o documento escrito, quer dizer, a evidência que se produz sobre um suporte (papel, fita magnética, disco, lamina etc.) o de um aparato que grava imagens, dados ou vozes.

Assim, as fotografias, embora não sejam descritas no texto da autora, seriam naturalmente incorporadas ao conceito de documento, na medida em que constituem um tipo de escrita, sobre um suporte, que transmite uma evidência.

Duranti (1996) argumenta que para a Diplomática, anexo ao conceito de documento, a fotografia pode ser incluída por extensão, de acordo com os atributos característicos à definição de documento.

Portanto, em um contexto onde o suporte original do grafite não pode ser transportado, a fotografia como documento de arquivo torna-se o suporte de captura do gênero documental grafite.

## **6 Discussões e Resultados**

A competência em informação direciona e prepara as habilidades e capacidades dos indivíduos por meio de padrões e indicadores informacionais que, no Brasil, foram traduzidos por Belluzzo (2007), que os adaptou de acordo com os diversos contextos do país. Porém, entre os padrões e indicadores de competência em informação, foram escolhidos apenas os padrões abordados na discussão desta pesquisa, descritos no quadro um.

---

<sup>2</sup> Disciplina voltada para o estudo das estruturas formais de documentos solenes, isto é, oriundos de atividades governamentais ou notariais. A diplomática é parente da arquivística.

Escolheu-se, ainda, os sete princípios do pensamento complexo de Morin (2000), descritos na segunda coluna do quadro um, os quais auxiliam na contextualização da teoria da complexidade e na discussão que o presente artigo objetiva atingir.

**Quadro 1:** Competência em informação e complexidade

<b>Padrões básicos de competência em informação</b>	<b>Sete princípios do pensamento complexo</b>
<b>Padrão 1</b> - A pessoa competente em informação determina a natureza e a extensão da necessidade de informação.	<b>Princípio 1</b> - Sistêmico ou organizacional.
<b>Padrão 2</b> - A pessoa competente em informação acessa a informação necessária com efetividade.	<b>Princípio 2</b> - Hologramático.
<b>Padrão 3</b> - A pessoa competente em informação avalia criticamente a informação e as suas fontes.	<b>Princípio 3</b> - Círculo retroativo.
<b>Padrão 4</b> - A pessoa competente em informação, individualmente ou como membro de um grupo, usa a informação com efetividade para alcançar um objetivo/obter um resultado.	<b>Princípio 4</b> - Círculo recursivo.
<b>Padrão 5</b> - A pessoa competente em informação compreende as questões econômicas, legais e sociais da ambiência do uso da informação e acessa e usa a informação ética e legalmente.	<b>Princípio 5</b> - Auto-eco-organização: autonomia e dependência.
	<b>Princípio 6</b> - Dialógico.
	<b>Princípio 7</b> - Reintrodução do conhecimento em todo conhecimento.

**Fonte:** Elaborado pelas autoras com base em Belluzzo (2007) e Morin (2000).

Conforme consta no padrão 1 de competência em informação, antes de produzir, gerir, acessar e utilizar uma informação, torna-se imprescindível que o sujeito, em qualquer contexto, identifique primeiramente sua necessidade informacional, pois esse processo será a bússola norteadora para que todos os outros processos relacionados ao âmbito da informação aconteçam com efetividade. Usando como modelo o grafite, encontra-se a presença do padrão um, por exemplo, quando a necessidade do sujeito é resgatar grafites produzidos em um momento de Revolução, como foi o Movimento de Maio de 1968 na França.

No padrão 2, a pessoa deve ter competências e habilidades que assegurem o acesso à informação por meios inteligentes e eficazes. E isso, consequentemente, depende da característica estipulada pelo padrão 3, voltado ao processo de conhecimento e avaliação crítica sobre as diversas fontes de informação existentes, ou seja, um acesso efetivo necessita de fontes confiáveis. Para tanto, o indivíduo disporá de seus prévios conhecimentos sobre fontes de informação, o que se pode traduzir a título de exemplo as fontes online, sites, blogs, páginas específicas ou bibliotecas (nesse caso também as físicas). O terceiro padrão auxilia no levantamento de “fontes confiáveis”, e é exatamente nesse ponto que se justifica a guarda desse material produzido em arquivos. A institucionalização do grafite como documento de

arquivo, e a correta elaboração descritiva, fornecerá em grau superior o alcance daquilo que provê esse padrão.

De acordo com o padrão 4, torna-se relevante que uma pessoa, ou um grupo de pessoas, utilizem a informação necessária e acessada para tomar decisões e alcançar objetivos. Esse processo gera compartilhamento e multiplicação da informação e dos aspectos que se relacionam com a expressão do ser humano. Se o objetivo do(s) sujeito (os) fosse realizar uma pesquisa acerca dos grafites produzidos no Bairro da Lapa, no Rio de Janeiro, na década de 1990, que tivessem relação com o neoliberalismo e a globalização da economia, seria necessário encontrar no arquivo da cidade ou estado o acervo correspondente, fazer o possível levantamento e, então, gerar, com a pesquisa, o compartilhamento e a disseminação de informação.

Por fim, o padrão 5 estipula como fundamental a compreensão das pessoas sobre questões econômicas, éticas, sociais e legais a cerca do acesso e uso da informação. Esse padrão, no contexto do grafite, busca valorizar o produtor da informação (arte do grafite), fornecendo dados que vão auxiliar o procedimento de descrição da documentação para que essa possua a quantia necessária de informação para sua identificação durante o processo de institucionalização.

Quanto aos princípios do pensamento complexo, o princípio sistêmico ou organizacional corresponde ao fato de que é improvável conhecer o todo sem conhecer as partes e conhecer as partes sem conhecer o todo, mas que ao mesmo tempo, o todo é mais do que a soma das partes. Morin (2000) relata que, atualmente a ideia reducionista, superespecializada e desintegrada deve ser amenizada, dando lugar à integração e ao conhecimento sinérgico do todo. Para o grafite, o princípio sistêmico ou organizacional se aplica na busca de informações e análises sobre a pintura em questão. Contudo, para esse princípio, a análise da obra como um todo falará mais alto do que as questões fragmentadas que a une.

O princípio hologramático explica, de certa maneira, o porquê a ideia reducionista deve ser apenas amenizada e não excluída. Este princípio evidencia que cada parte desintegrada também pode ser vista como um todo, que, de certa forma, expressa sua cultura. Desse modo, o pensamento complexo não elimina totalmente a superespecialização das partes, mas propõe uma nova visão de mundo. Uma visão integrativa. Para esse princípio, questão tais como: Do que se trata? É possível determinar o autor? Em que época (ano, década, século) foi produzido? O que se passava em no país, estado ou cidade nessa época? fazem parte, em um segundo momento, da análise do todo da obra.

Em relação ao princípio do círculo retroativo, o mesmo está relacionado à situação de

causa e efeito, em que toda ação gera fenômenos e efeitos e, ao mesmo tempo, se insere no contexto de auto-regulação, onde há um *feedback* entre os processos de ação e efeito. No caso citado anteriormente acerca do Movimento de Maio de 1968, pode-se dizer que a ação acontece quando o Governo deixa os estudantes insatisfeitos. Nesse caso, o fenômeno ou efeito da causa será o movimento, e o *feedback* serão os grafites onde se demonstra a insatisfação e se pede por melhorias.

O princípio do círculo recursivo apresenta que os indivíduos produzem a cultura da sociedade e, ao mesmo tempo, é produto dela. Dessa forma, esse princípio enfatiza a representação de uma parte por um todo. O grafiteiro, como sujeito social, produz o grafite - elemento cultural e representativo, ou seja, uma parte (grafiteiro membro indivíduo do todo social) representa o todo quando se expressa por meio do grafite.

O princípio da auto-eco-organização denomina-se na necessidade e dependência da autonomia do ser humano, e possui forte característica no processo de regeneração e superação, ou seja, esse princípio encoraja o indivíduo a sempre recomeçar, independente dos problemas encontrados. Tendo como exemplo o caso ocorrido no início do ano presente 2017, a chamada 'Maré-Cinza'<sup>3</sup>, quando o prefeito da cidade de São Paulo decretou que os grafites da Avenida 23 de Maio fossem apagados. Nesta situação foi possível perceber a capacidade de superação do sujeito, que não deixou de grafitar mesmo quando vários dos grafites mais conhecidos da cidade foram eliminados.

O princípio dialógico afirma que elementos e forças antagônicas podem ser associados e complementares, por exemplo, na luta por um objetivo a ser alcançado. Por meio desse princípio, a ordem e a desordem não são elementos excludentes, muito pelo contrário, podem em conjunto e por ações interativas construir ou desconstruir determinado elemento ou situação. Podemos exemplificar então que tanto no "Movimento de Maio de 68" (SILVA-E-SILVA, 2011), ocorrido na França, quanto no chamado "Maré-Cinza" em São Paulo, consideram-se complementar a ordem da organização do manifesto e a 'desordem' na reivindicação e movimento nas ruas, portanto, a luta pelo objetivo de se expressar uniu as duas situações.

Por fim, conta-se com o princípio da reintrodução do conhecimento em todo conhecimento, que se norteia pela necessidade de um ser cognoscente construir conhecimento por meio de outros conhecimentos. Esse princípio incentiva a crítica, a inovação e a valorização de todo conhecimento construído pelas mais diferentes pessoas. Para esse princípio, todo conhecimento é bem-vindo e não há uma verdade absoluta. Isso representa e comprova a necessidade de se gerar conhecimento por intermédio da memória guardada através do grafite, de se buscar e proporcionar por ele elemento informação a respeito de

---

<sup>3</sup> Disponível em: <http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2017/01/grafites-em-muros-de-avenida-de-sao-paulo-sao-pintados-de-cinza.html>

acontecimentos passados.

### **Considerações Finais**

Buscou-se analisar se a competência em informação e a teoria da complexidade podem contribuir para a valorização do grafite como documento de arquivo e responder as seguintes problemáticas: a institucionalização do grafite pode ser considerada uma prática para quebra do paradigma cartesiano? A competência em informação e a teoria da complexidade podem contribuir para essa prática?

Pôde-se notar que a competência em informação, que estabelece que o sujeito deva identificar sua necessidade informacional, contribui para os grafiteiros conseguirem resgatar grafites já produzidos para servir de inspiração e construção de novos conhecimentos. O acesso efetivo e inteligente das fontes de informação propicia aos grafiteiros um melhor preparo para elaboração da sua expressão informacional. Além disso, essa expressão quando institucionalizada, servirá de base para acessos externos de estudiosos e sociedade no geral.

O padrão que corresponde à necessidade de fontes confiáveis para acesso efetivo da informação justifica e auxilia a ideia de institucionalização do grafite como documento de arquivo, visto que fornecerá um acesso padrão, libertador e duradouro à sociedade que decidir utilizar e acessar o grafite documentado – quando este já se encontrar na condição de documento institucionalizado em arquivos públicos.

A competência em informação assegura que uma pessoa competente em informação deve utilizar a informação e tomar decisões tanto individualmente como em grupo, pois isso gera fenômenos do compartilhamento e socialização da informação, que resultará em conhecimento. Esse fator pode apoiar no processo de institucionalização do grafite, visto que, a união de vários a favor desse acontecimento poderá transformar essa ideia em prática. Ademais, o grafite representa grupos de pessoas, e sua produção se dá por um ser cognoscente, carregado de interferências e induções de outras pessoas. Logo, a força desses processos está na união.

Quanto à análise da teoria da complexidade, notou-se que o princípio sistêmico e o princípio hologramático concordam que existem complexidades no processo do grafite, porque ao mesmo tempo em que a importância dessa arte está no todo que ela representa para cada um, suas fragmentações relacionadas ao momento em que foram desenvolvidas também são pontos importantes de serem elencados. Logo, têm-se a consciência que o todo não exclui as partes, e nem as partes devem excluir o todo.

O terceiro princípio, indiretamente, reflete para o fato de que não há como escapar desse processo de institucionalização do grafite, justamente porque esse é um desenho da

sociedade, é efeito de alguma causa e configura momentos da história de um país e de um povo. Se a história não pode ser apagada, tampouco o grafite como elemento dessa história deve ser.

Por hora, o grafite também se define como um processo de autonomia e superação do ser humano e concomitantemente é resistência contra a falta da liberdade de expressão, e isso é expresso no princípio de auto-eco-organização de Morin (2000). Logo, a institucionalização do grafite necessita ganhar força por uma luta que está começando.

Dessa maneira, verificou-se que aspectos da competência em informação e da teoria da complexidade podem auxiliar no processo de institucionalização do grafite como documento de arquivo e que esses aspectos possuem potencial futuro para contribuir para a quebra de um paradigma cartesiano que envolve esse assunto. Essa abordagem torna-se necessária para o fortalecimento da integração das partes que constituem o mundo. Tudo está interconectado e o papel do pesquisador torna-se a incentivar essas inter-relações.

Por fim, como apoio ao desenvolvimento de pesquisas futuras, indica-se a realização de uma pesquisa de campo que envolve os temas inter-relacionados neste artigo, e que busque ouvir a população que recebe esses grafites, os produtores (grafiteiros) e os arquivos públicos.

## Referências

ALBUQUERQUE, Ana Cristina de. O grafite como canal alternativo de informações: caminhos para uma discussão interdisciplinar em ciência da informação. **Revista de Iniciação Científica da FCC**, Marília, v. 4, n. 3, 2004. Disponível em: <http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/ric/article/view/96/97> Acesso em: 10 jun. 2017.

BELLUZZO, R. C. B.; KOBAYASHI, M.C.M.; FERES, G.G. Information literacy: um indicador de competência para a formação de professores na sociedade do conhecimento. **Educação Temática Digital**, Campinas, v. 6, n. 1, p. 81-99, 2004. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/1004> Acesso em: 15 Jun. 2017.

BELLUZZO, R. C. B. **Construção de mapas: desenvolvendo competências em informação e comunicação**. 2. ed. Bauru: Cá entre Nós, 2007.

CALÓ, Flávia Camerlingo. **Questões etimológicas sobre os termos: grafite e pichação**. In: FORUM DE PESQUISA CINETIFICA EM ARTES. 3., 2005. **Anais**. Curitiba: Escola de Música Belas Artes do Paraná, 2005.

DOYLE, C.S. **Information literacy in an information on society: a concept for the information age**. Syracuse: ERIC, 1994.

DUDZIAK, E. A. Information literacy: princípios, filosofia e prática. **Ciência da Informação**,



Brasília, v. 32, n. 1, p. 23-35, jan./abr. 2003. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-19652003000100003&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-19652003000100003&lng=en&nrm=iso) Acesso em: 1 jul. 2017.

DURANTI, Luciana. **Diplomática: usos nuevos para uma antiga ciência**. Cordoba: Carmona, 1996.

GRUNOW, R. A. S. O fenômeno arte sobre o fenômeno humano: grafite e valor mutante da estética. **Revista de Letras, Artes e Comunicação**. Blumenau, v.7, n.3, p.229-244, set-dez. 2014. Disponível em: <http://proxy.furb.br/ojs/index.php/linguagens/article/view/3834/2591> Acesso em: 12 jul. 2017.

HORA, S. R. A.; SATURNINO, L. P. T.; SANTOS, E.C. **A evolução do arquivo e da arquivologia na perspectiva da história**. João Pessoa, 2010, p.12. Disponível em: <http://www.webartigos.com/artigos/a-evolucao-do-arquivo-e-da-arquivologia-na-perspectiva-da-historia/33326/>

LÉVI-STRAUSS, C. **O pensamento selvagem**. 2. ed. Campinas: Papirus, 1997.

LÉVI-STRAUSS, C. **Introdução ao pensamento complexo**. 3ª ed. Porto Alegre: Sulina, 2007. 120 p.

MORIN, Edgar. Ciência e consciência da complexidade. In: MORIN, Edgar; LE MOIGNE, Jean-Louis (Org.). **A inteligência da complexidade**. São Paulo: Peirópolis, 2000. 265p.

PAES, Marielena Leite. **Arquivo: teoria e prática**. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

PROSSER, Elisabeth Seraphim. **Grafite Curitiba**. Curitiba: Do Autor, 2010. 210 p.

POSNER, E. Some aspects of archival development since the French Revolution. **American Archivist**, v. 3, n. 3, p. 159-172, June 1940. Tradução de Lêda Boechat Rodrigues.

RODRIGUES, A. M. L. A teoria dos arquivos e a gestão de documentos. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 11, n. 1, p. 101-117, jan./abr. 2006.

ROUSSEAU, Jean-Yves; COUTURE, Carol. **Os fundamentos da disciplina arquivística**. Lisboa: Dom Quixote, 1998. 356 p.

SCELLENBERG, T. R. **Arquivos modernos: princípios e técnicas**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004. 384 p.

SILVA-E-SILVA, William da. **Graffitis em múltiplas facetas: definições e leituras iconográficas**. São Paulo: Annablume, 2011, 130 p.

SILVA, A. M. **Arquivística: teoria e prática de uma ciência da informação**. Porto: Afrontamento, 1999. 254 p.

**Recebido/Recibido/Received: 2017-10-13**

**Aceitado/Aceptado/Accepted: 2017-12-20**

